

M
MUSEU
DA CIDADE

M
M M

MM
MM

M M
MMM
MM

fascículo *s.m.* (1794)

1 pequeno feixe **2** quantidade de ervas ou varas que se consegue levar debaixo do braço **3** feixe de espigas; gavela

4 *anatomia* pequeno feixe de fibras nervosas, tendinosas ou musculares **4.1** anatomia trato ou grupo de fibras nervosas que funcionam associadas em maior ou menor escala **5** *edição bibliográfica* cada um dos cadernos ou folhetos que integram uma obra maior e que vão sendo publicados por partes **6** *edição de texto* número ('cada edição') **7** *morfologia botânica* qualquer conjunto de estruturas ou órgãos filamentosos

8 *morfologia botânica* qualquer tipo de inflorescência em que os pedicelos das flores se inserem contraidamente no mesmo nó caulinar

ETIMOLOGIA *lat.* fasciculus, 'molhinho, feixinho, fascículo'

FASCÍCULO
N.º 8

HARRY

SMITH

HARRY E. SMITH

M
M
M

M

M
M
M

M

M

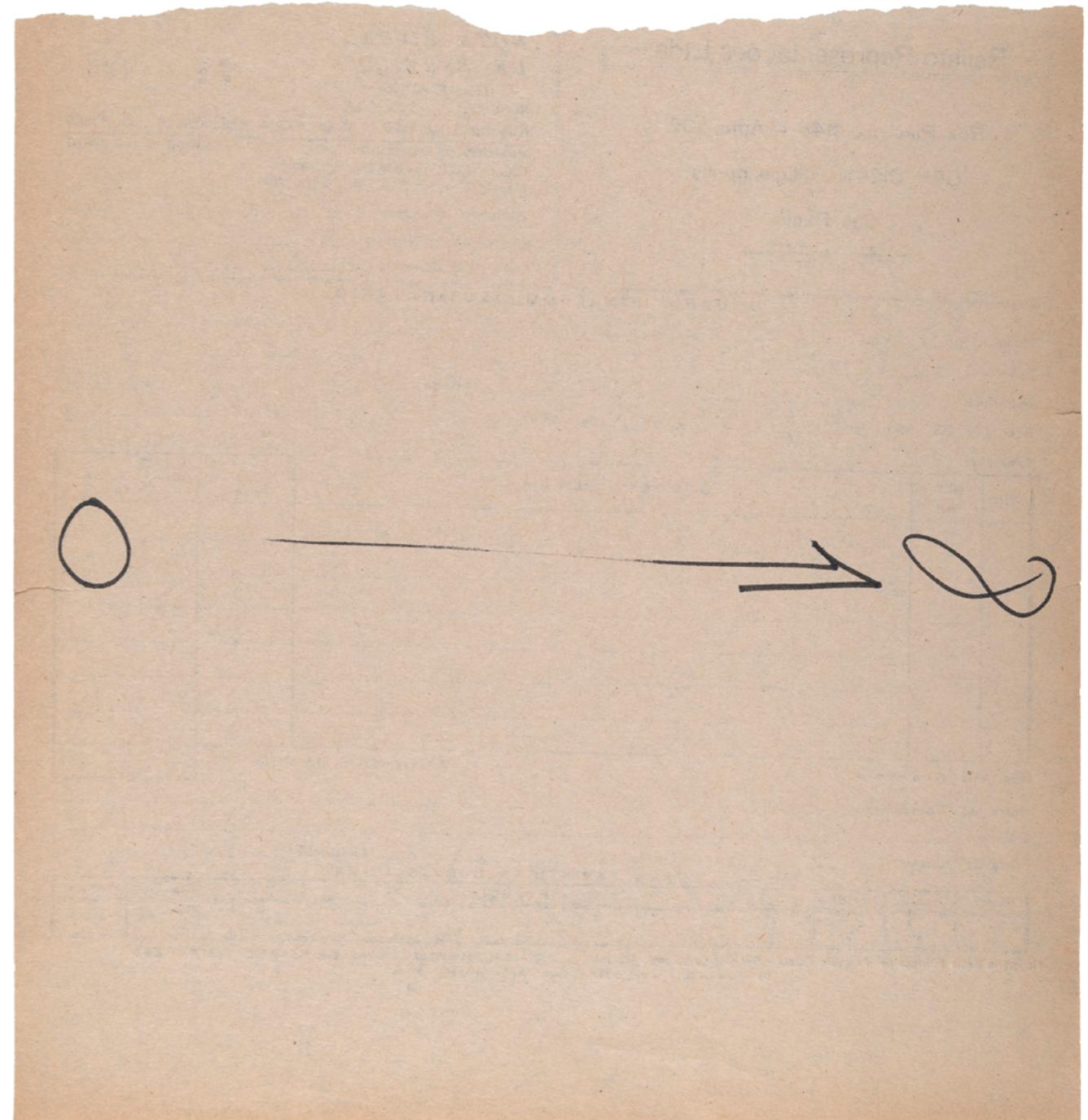
M
M

M
M

M
M
M
U
S
E
U

D
A

C
I
D
A
D
E





K. S. Brown
Harry Smith gravando uma cerimônia Lummi, com Julius Charles (ao lado de Smith) e August Martin, Lummi
Smokehouse, Reserva Indígena Lummi, Washington, c. 1942-43

MESTRE DO MICROFONE: HARRY EVERETT SMITH

M
M
M

M

A música é contínua, apenas a escuta é intermitente.
Henry David Thoreau citado por John Cage

M
M
M

M

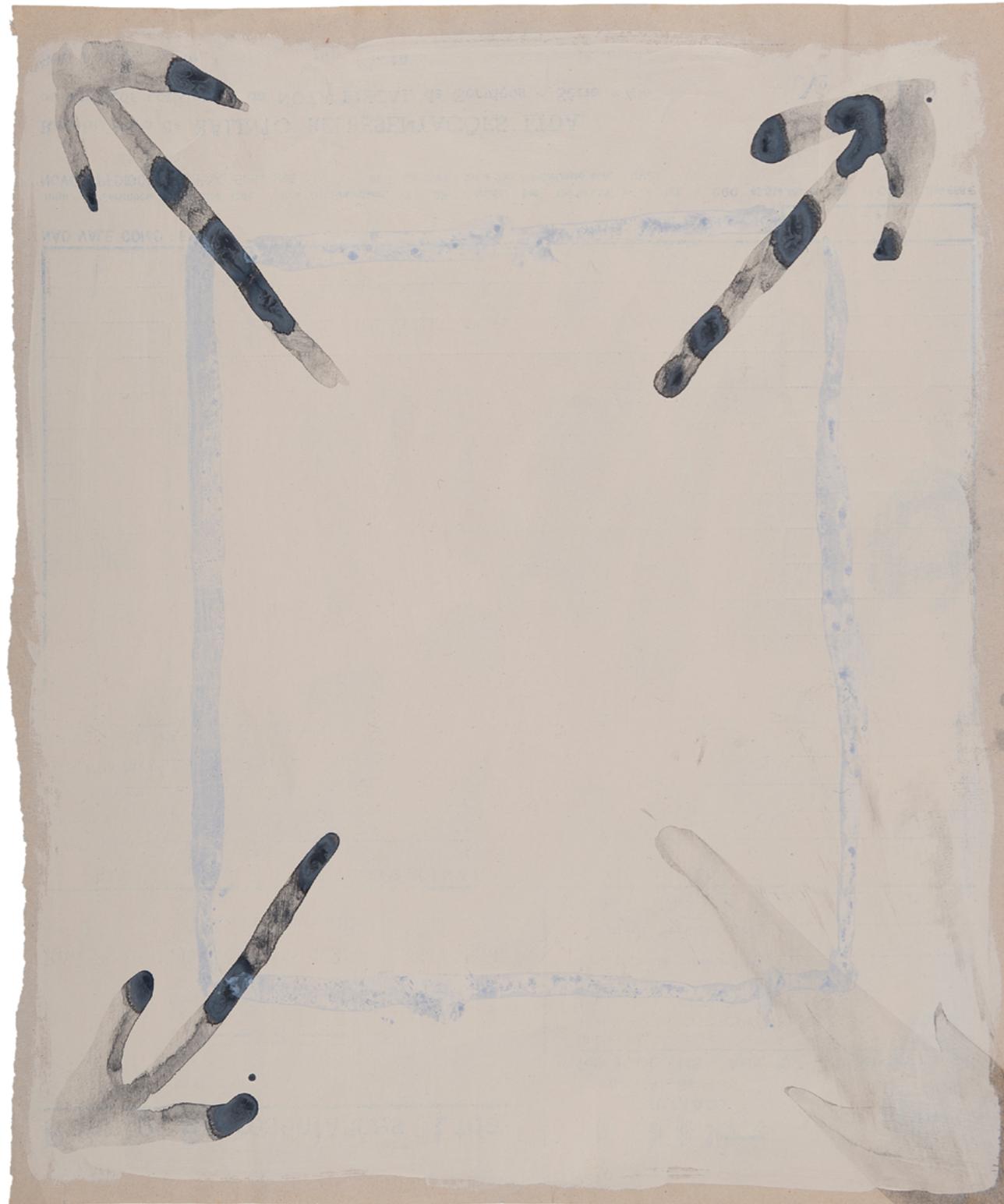
Ao cair da noite, muitos dos habitantes do labiríntico Hotel Chelsea migravam para um quarto sombrio e sem WC no 8.º andar, onde Harry Everett Smith vivia entre pássaros de estimação e inquietantes conjuntos de objectos que recolhia: ovos de Páscoa coloridos da Ucrânia, aviões de papel encontrados nas ruas de Nova Iorque, esquemas e figuras de corda de povos de todo o mundo, têxteis indígenas da América do Norte, coisas parecidas com hambúrgueres, cartas de Tarot, vinis de Folk, livros de magia e outras famílias reunidas por si e, quem sabe, entretanto perdidas. Esta constelação-arquivo em órbita caótica (mas não descabida), fruto de uma antropologia sem regra praticada desde a adolescência, antes de tudo o mais informava e alimentava as suas próprias pinturas e animações em película, espalhadas também pelo quarto em diferentes latas e caixas, em prateleiras, no chão, na cama, na janela, no congelador.

M

M
MM
MM
M
M
U
S
E
UD
AC
I
D
A
D
E

Em 1968, Harry Smith tinha 45 anos, cabelos brancos, barbas desordenadas, e era para alguns uma espécie de xamã sem morada fixa. No pequeno quarto onde cabiam todos e tudo, saturado duma névoa de marijuana, as noites eram um assalto aos sentidos e à percepção. Smith era conhecido por não terminar as frases, falando em elipses longas e difíceis de acompanhar, em pulos desconcertantes de assunto para assunto: arte e morte, rendas por pagar e pinturas de geometria mística, magia e projectos largados ao abandono por ataques de fúria ou mau feitiço. O caos era para Smith (uma estranha, eficaz) forma de escrita cujas frases inacabadas estavam prontas a acolher o acaso e o desvio. A tribo irregular que se formava ao seu redor incluía casos perdidos da alta sociedade, jovens pretendentes a alguma coisa, um desconhecido acabado de encontrar na rua, ou Leonard Cohen, Patti Smith, Robert Mapplethorpe.

Na indeterminação deste museu em transe, não se poderia prever onde a noite iria acabar, em quem se iria esbarrar, o que descobrir ao abrir uma gaveta. Segundo Harry Smith, os objectos



e artefactos recolhidos eram «índices para uma enorme variedade de pensamentos, uma enciclopédia de configurações», um mapa em potência para ser desdobrado sem cessar, mostrando caminhos por trilhar e amplas extensões. Smith acreditava na presença do objecto e na interconectividade de cada obra de arte — uma contém todas — cada objecto de arte concreto contém o universal e o abstracto. Os objectos trazem em si o movimento potencial de padrões e sistemas de interpretação que nunca se fixam totalmente, e a tarefa de desvendar esses padrões subterrâneos, trabalho que permanece em aberto, é-nos devolvida, a cada um de nós, com a proposta de continuar. Não há um fio que guarde o caminho de volta no labirinto de Harry Smith, porque nós também avançamos com furor, ainda.

Robert Frank disse que o génio de Smith foi negligenciar a (subtil) diferença entre um vagabundo da Bowery e um académico com importantes teses publicadas. *Alta* ou *baixa* eram termos que, para si, jamais poderiam definir uma cultura. A sua investigação era em torno dos processos e da «natureza mutante dos materiais e das formas», do impercível contido no percível, do frágil e indefinível em cada fenómeno, e não apenas dos objectos em si mesmos. O foco era o «outro», a outra cultura, os seus textos sagrados, a música, a mágica, o que é feito à mão, os cultos, os eventos efémeros, e como estes definem um povo, uma tribo, uma cidade, um bairro.

Assim como as sessões no quarto, muitos encontros espontâneos davam-se por onde quer que fosse, na rua, num bar. John Cohen, investigador de música Folk, conta ter ouvido que Harry Smith poderia indicar com precisão o melhor lugar para se dançar o Twist na cidade. Um dia cruzou-se com Harry por acaso, e murmurou para a amiga que ia consigo: «ali vai o Harry Smith». Ao ouvir o seu nome, Harry parou para conversar. Cohen explicou tímido o que procurava, e logo cruzaram a cidade até ao Harlem no primeiro táxi que passou, a bandeirada mesmo à conta para ainda conseguirem pagar a entrada. Depois da noite na pista de dança saíram a pé e sem dinheiro, à procura de uma estação de metro. À porta de um estúdio de revelação fotográfica, Harry avistou um caixote de lixo cheio de imagens de todo o tipo, descartadas e amontoadas — começou a dispô-las por grupos desconexos, formando famílias, aprumando uma lógica indefinível mas aceite naturalmente. Da sombra das ruas chegaram pessoas para ver a exposição espontânea na calçada, de curadoria instantânea, até se formar um grupo de 20 ou 30 observando o vaivém entre o caixote e o chão. Com aquele «jogo de solitária gigante — conta Cohen — ele converteu a rua num teatro mágico», numa experiência que cada um levou consigo: sempre em silêncio, Harry terminou o acto distribuindo imagens a cada observador, que um a um se afastaram.

M
M
M

M

M
M
M

M

M
M
M
U
S
E
U

D
A

C
I
D
A
D
E

Esta operação de alquimia — mudar lixo em luxo — executada sem alarde, reporta a um episódio da adolescência: aos 12 anos o seu pai ofereceu-lhe um estojo de ferramentas e disse: «agora transforma o chumbo em ouro». A cada ano e cada nova experiência, mais uma ferramenta era acrescentada ao estojo, a mais importante e característica de todas: um gravador portátil. Allen Ginsberg, que dizia ser «impressionante a sua abertura a qualquer coisa que pudesse acontecer», chamava Smith de *mestre do microfone*, e o próprio Smith conta: «leve o meu gravador portátil para todo o lado, antes que qualquer outro o tivesse feito e gravei longas cerimónias que por vezes duravam dias e dias [...] interessei-me pela música em relação à existência». A partir dos 15 anos passou muito tempo em reservas indígenas (onde a sua mãe foi professora) a gravar rituais, cantos e cerimónias, a coleccionar objectos religiosos e a compilar palavras e significados, estabelecendo métodos próprios de transcrição dos movimentos das danças. Mais tarde, entre 1942-44, frequentou antropologia na Universidade do estado de Washington, na costa Oeste, sem nunca formalizar os seus estudos, dividindo o tempo entre as temporadas em reservas indígenas, sessões de cinema experimental no museu de São Francisco e o garimpo de vinis de Folk. No começo da década de 50 mudou-se para Nova Iorque e editou a *Anthology of American Folk Music*, a partir da sua colecção de discos de 78 rotações, condensada num álbum triplo que galvanizou o movimento que na década seguinte culminaria em Bob Dylan. Mas durante os anos 50 dedicou-se sobretudo a continuar os seus filmes e animações abstractas, místicas, ópticas e hipnóticas — experimentando várias técnicas: fotogramas pintados à mão, colagem, captação directa e justaposição de imagens, edição segundo padrões de respiração e batimento cardíaco etc. Esta prática entre a pintura e a animação cinemática, expandida e alquímica, estendeu-se até ao ano da sua morte, em 1991. Nos anos 60 e 70 viveu em vários hotéis e quartos emprestados, dispersando as suas colecções e constituindo outras tantas. Já no final da década de 80, alguns dos seus últimos projectos procuravam formar um retrato sonoro da América: Smith subscreveu por 3\$ mensais, um serviço de mensagens prestado pela companhia de telefones US West, lançando o pedido para que pessoas de um determinado local gravassem mensagens, deixando relatos de sonhos, canções, histórias, sons — transcrevendo depois os depoimentos e anotando nome, data, local etc., de modo a compor a paisagem falada do lugar; outro projecto, *Materiais para o Estudo da Religião e Cultura do Lower East Side ou Filmes para os Invisuais*, era composto por «gravações sonoras de feiras de rua haitianas, celebrações hispânicas, sinos de igreja, lengalengas de crianças a saltar à corda, música Folk de rua, rezas e tosse de vagabundos, assim como leituras de Gregory Corso, Allen Ginsberg, os sons do Tompkins Park, etc.»

NOITE DE INFERNO

Engoli uma notável poção de veneno.

— Três vezes seja bendita esta riquíssima ideia! — As entranhas ardem-me. A violência da peçonha galvaniza-me os membros, desfigura-me, atira-me por terra. Morro de sede, sufoco, não posso gritar. É o inferno, a pena capital. Vede como as chamas cobrem tudo! Ardo bastante bem. Aplica-te demónio!

Estava eu a sonhar com uma conversão à ventura e ao bem, a salvação. Poderei descrever tal visão? o ar do inferno não suporta hinos! Eram milhões de criaturas amáveis, um suave conluio espiritual, a força e a paz, as nobres ambições, que sei eu?

As nobres ambições!

E é ainda a vida! — Se a danação é eterna! Um homem que quer mutilar-se está danado e bem danado, não é assim? Imaginar o inferno é ser inferno. É o cumprimento do catecismo. Sou escravo do meu baptismo. Ó família minha, fizestes o meu infortúnio e fizestes o vosso. Coitadinho do inocente! — O inferno não pode engolir os pagãos. — É ainda a vida! Mais tarde, as delícias da danação irão muito mais fundo. Um crime, depressa, que a lei humana me precipite no vácuo. Cala-te, cala-te... És a vergonha, o bêbedo destas plagas! Satanás diz que o fogo é ignóbil e a tua cólera incrivelmente estúpida. — Parem lá com isso!... asneiras que me vindes bichanar, magias, perfumes falsos, músicas pueris. — E dizer que detenho a verdade, que vejo a justiça: possuo um discernimento são e firme, estou à beira da perfeição... Orgulho. — Esfarelam-me a pele da cabeça.

Misericórdia! Senhor, tenho medo. Tenho sede, tanta sede! Ah! a infância, a erva, a chuva, o lago cobrindo as pedras, o luar quando soava meia-noite na torre ... *àquela hora era o diabo o sineiro*. Maria! Virgem Santa!... — Horrrosa idiotia.

Lá longe, não há almas sem mácula, capazes de querer-me bem?... Vinde... Tenho um travesseiro na boca, não me ouvem, são fantasmas. De resto, ninguém pensa em ninguém. É melhor que não venham. Cheiro muito a chamusco, com certeza.

As alucinações são inumeráveis: é o que sempre tive, nenhuma fé na história, olvido dos princípios. Calar-me-ei: poetas e sonhadores morreriam de inveja. Sou mil vezes mais rico, sejamos avaros como o mar. E esta! o relógio da vida parou de repente. Deixei de habitar o mundo. A teologia é a sério, o inferno está sem dúvida alguma em baixo e o céu em cima. — Éxtase, pesadelo, sono num ninho de chamas.

Que de habilidades no desenrolar da campanha... Satã, Ferdinando, alinha na corrida das pinhas bravas... Jesus caminha sobre amoras silvestres, sem as esborrachar... Jesus andava sobre as águas revoltas. A candeia mostra-no-lo de pé, de vestes brancas e trança castanha, no flanco de uma vaga cor de esmeralda...

Vou desvendar-vos todos os mistérios: mistérios naturais ou rituais, morte, nascimento, passado, futuro, cosmogonia, vácuo.

Escutai!...

Eu tenho todos os talentos que há! — Aqui, não está ninguém e há gente a mais: não quero dividir o meu tesouro. — Quereis cânticos negros, bailarinas huris? Quereis que desapareça, que mergulhe em demanda do *anel*? Quereis? Fabricaria ouro, elixires.

Fiai-vos pois em mim, a fé levanta muito, guia, cura. Vinde todos — e deixai vir também as criancinhas — que eu vos consolarei repartindo por todos o seu coração — o maravilhoso coração! — Pobres homens, trabalhadores. Não vos peço orações: a vossa confiança bastaria para fazer-me feliz.

— E pensemos em mim. Isto liberta-me do sentimento do mundo. Tenho uma certa sorte: podia sofrer mais. A minha vida foi só loucura mansa, é verdade, e é pena. Ora! ensaiemos todas as caretas possíveis. Decididamente, estamos fora do mundo. Já não se ouve nada.

O tacto desapareceu. Ó meu castelo, minha Saxe, meu bosque de salgueiros. As tardes, as manhãs, os dias... Como estou exausto!

Devia ter o meu inferno de ira, o meu inferno de orgulho e o inferno da preguiça; um concerto de infernos. Morro de lassidão. É o caixão, desço à barataria, horror dos horrores! Satã, farsista, queres pulverizar-me com os teus feitiços. Reclamo! Reclamo! um golpe de forquilha, uma gota de fogo!

Ah! regressar à vida! Contemplar os nossos aleijões. E esse beijo, esse veneno mil vezes maldito! Minha fraqueza, a crueldade do Mundo. Meu Deus, piedade, esconde-me, eu não aguento! — Encubro-me e descubro-me.

É o fogo que se ergue com o seu danado.

Jean-Arthur Rimbaud, *Uma Cerveja no Inferno* [Une Saison en Enfer], tradução de Mário Cesariny. Lisboa: Assírio & Alvim, 1999.

M
M
M

M

M
M
M

M

M

M
M
MM
MM
M
M
U
S
E
UD
AC
I
D
A
D
E

Poucos meses antes de morrer, no brevíssimo discurso de aceitação do prêmio da *National Academy of Recording Arts* pelo «todo da sua obra», em particular pelas recolhas fonográficas e a antologia *Folk*, disse apenas: «I am glad to say my dreams came true, that I saw America changed through music». A investigação de Smith era precisamente em torno desse fluxo de mutação e permanência dos padrões subterrâneos e não normativos que movem uma sociedade, neste caso — através da música. Mas, como abarcar *toda* essa investigação, o «todo da sua obra»? Qualquer tentativa de apreender ou descrever o trabalho extático de Harry Smith será sempre insuficiente, e todavia é essa mesma insuficiência a perfeita tradução do alcance dos seus empreendimentos. Como a música — íntima e universal — Smith manteve-se dentro e fora da história, no limiar de uma outra história, na procura de sistemas de aprendizagem transversais, esquemas e arquétipos recorrentes e comuns em actividades, rituais, narrativas, mitos, passatempos e diversões muitas vezes díspares e contraditórios. «Se querem estudar palavras — disse — podem encontrá-las no Dicionário Oxford, mas se o assunto são Ovos de Páscoa [da Ucrânia], e já que eles remetem a 20 ou 30 mil anos atrás, é como ir de encontro a algo que não cabe num livro». Este «ir de encontro a algo que não cabe num livro», que não se pode abarcar, ecoa no que escreveu Goethe: «indeterminação e amplas extensões, próprias da juventude e dos povos primitivos, são os elementos propícios ao sublime, os únicos adequados a despertar a sublimidade» — sublimidade, que ainda segundo Goethe, é informe ou composta por formas inapreensíveis, «envolvendo-nos numa grandeza que nos supere».

Harry Smith, que quis ser um compositor sinfónico, também afirmou — «sou sobretudo um pintor», ou «nem a antropologia, nem a pintura, nem a linguística, nem a arqueologia: a minha verdadeira vocação é a preparação para a morte; pois nesse dia estarei deitado na minha cama e verei a minha vida desfilar à frente dos meus olhos».

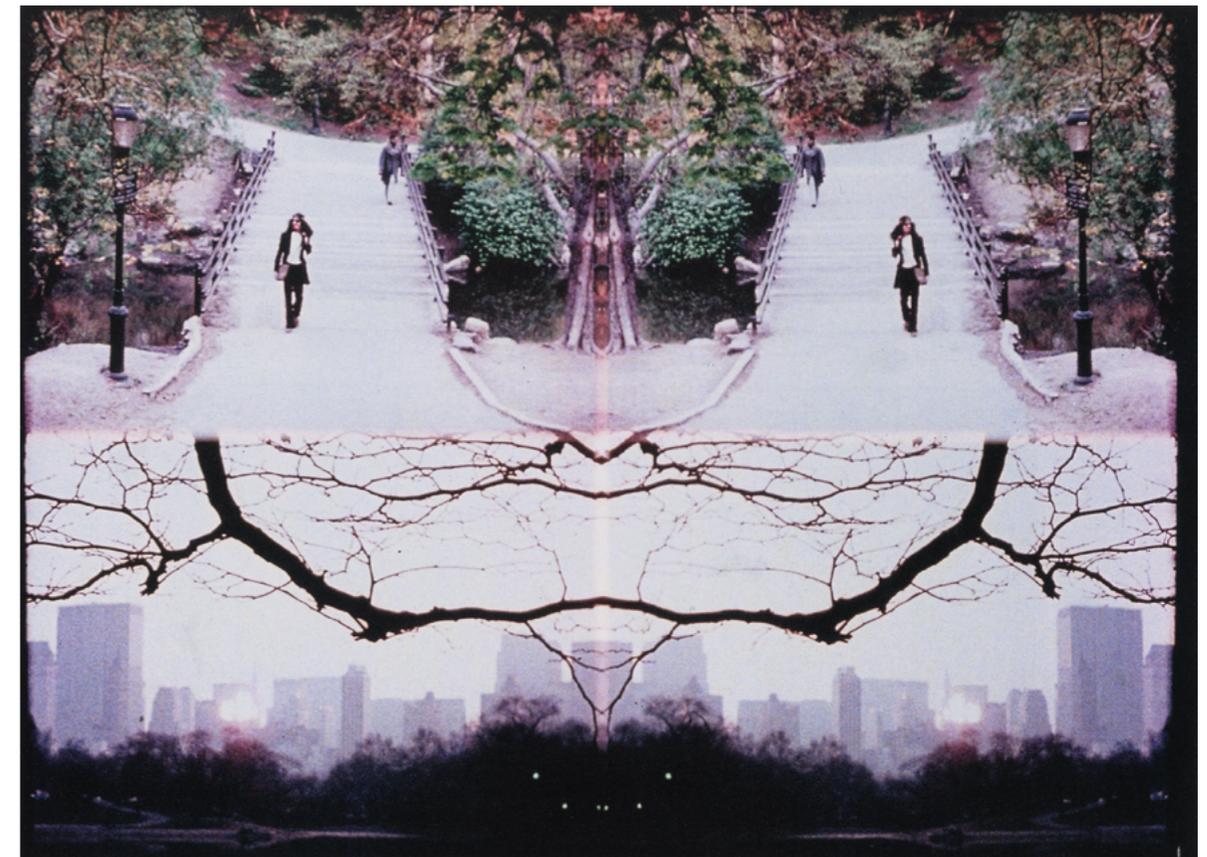
Total, que não cabe num livro, *bigger than life*, envolvendo-nos, o desfile ainda soa. Sinfonia de sons achados, esquema sem esquema, em configuração perene — a imaginação caleidoscópica de Harry Smith reverbera: viva.

M
M
M

M

M
M
M

M



M

M
M

M
M

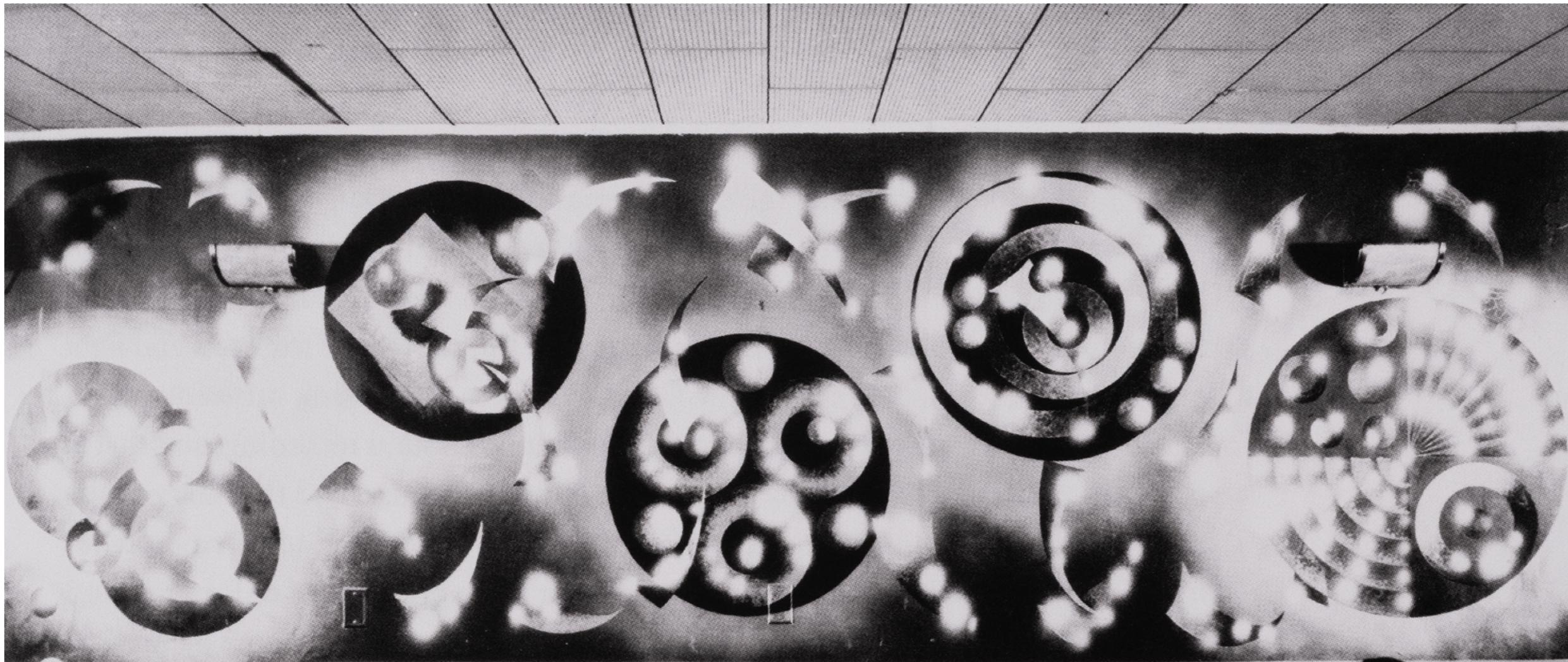
M
M
M
U
S
E
U

D
A

C
I
D
A
D
E







AMERICAN FOLK MUSIC

SELECTIONS IN THIS ALBUM

Hic autem monochordum mundanum cum suis proportionibus, mensuris & intervallis exactis componitur, cujus finis est extra modum hoc modo depinctus.

ARTISTS IN THIS ALBUM

1. HENRY LEE
2. FATAL FLOWER GARDEN
3. HOUSE CARPENTER
4. DRUNKARDS SPECIAL
5. OLD LADY AND DEVIL
6. THE BUTCHER BOY
7. THE WAGONERS LAD
8. KING KONG KITCHIE
9. SHOES AND LEGGINS
10. WILLIE MOORE
11. LAZY FARMER BOY
12. PEG AND AWL
13. OMMIE WISE
14. JOHN JOHANNA
15. COLE YOUNGER
16. CHARLES GITEAU
17. JOHN HARDY
18. JOHN HENRY
19. STACKALEE
20. WHITE HOUSE BLUES
21. FRANKIE
22. THE TITANIC
23. ENGINE 143
24. KASSIE JONES
25. PENNYS FARM
26. BOWEAVIL BLUES
27. FARM LAND BLUES

VOLUME ONE BALLADS

1. DICK JUSTICE
2. NELSTONE'S HAWAIIANS
3. CLARENCE ASHLEY
4. COLEY JONES
5. BILL & BELLE REED
6. BUELL KAZEE
7. BUELL KAZEE
8. "CHUBBY" PARKER
9. UNCLE ECK DUNFORD
10. BURNETT & RUTHERFORD
11. CARTER & YOUNG
12. CAROLINA TAR HEELS
13. G. B. GRAYSON
14. KELLY HARRELL
15. EDWARD L. CRAIN
16. KELLY HARRELL
17. THE CARTER FAMILY
18. WILLIAMSON & CURRY
19. FRANK HUTCHISON
20. POOLE & N. C. RAMBLERS
21. JOHN HURT
22. W. & V. SMITH
23. THE CARTER FAMILY
24. FURRY LEWIS
25. THE BENTLY BOYS
26. THE MASKED MARVEL
27. CAROLINA TAR HEELS

EDITED BY
HARRY SMITH
FOLKWAYS RECORDS & SERVICE CORP., N. Y.

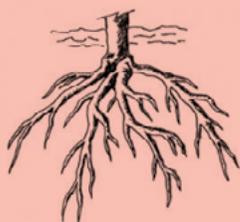
FA 2951

ISSN 2184-7223

#8 *Harry E. Smith*, o caderno que tem entre mãos, é parte integrante da colecção de fascículos do MUSEU DA CIDADE. Esta colecção é o espaço discursivo privilegiado do corpo de programação do Museu e incluirá contributos de diversos autores oriundos de um amplo espectro disciplinar, abarcando campos do conhecimento como o mundo das plantas entendido em sentido lato, a botânica, a agricultura, temas do pensamento e da prática ecológica, temas das ciências humanas — filosofia, antropologia, etnologia, arqueologia —, ou naturais — a meteorologia, a astronomia —, temas indígenas, temas urbanos ou temas da boca e do palato — a poesia, a história oral, as narrativas populares, os mitos da origem, a gastronomia, a história da alimentação —, para além de uma particular atenção ao campo de expressão e de imanência da imagem.

Durante os anos de 2020/2022, e com periodicidade variável, serão lançados 30 fascículos colecionáveis, disponíveis para aquisição nos diferentes espaços do MUSEU DA CIDADE. No final do ano, será disponibilizada uma lista de encadernadores locais no nosso site.

O autor escreve segundo a antiga ortografia



Raiz fasciculada

Uma edição do
MUSEU DA CIDADE
Câmara Municipal do Porto
Dezembro 2021

Texto
TOMÁS CUNHA FERREIRA
Obras
TOMÁS CUNHA FERREIRA
HARRY SMITH
Desenho gráfico
R2
Créditos fotográficos
K. S. BROWN · BRIAN
GRAHAM · HI HIRSH
ISSN
2184-7223
Depósito Legal
467240/20
Tiragem
1500
Preço
2€

